



FUTEBOL-ARTE E IDENTIDADE NACIONAL NAS CRÔNICAS DE JOÃO SALDANHA

Vitor dos Santos Canale

RESUMO

A apresentação analisará, a partir das crônicas esportivas de João Saldanha publicadas em períodos próximos às Copas do Mundo, como se dá na visão do jornalista carioca a relação entre o futebol-arte, tipo de representação sobre a prática do jogo, e, outra representação, a identidade nacional brasileira. O estudo, que não tem caráter conclusivo, apreenderá a questão do futebol-arte inserido na identidade nacional como uma relação, que abarca além da técnica de jogo propriamente dita, o debate e as relações de poder, envolvendo diversos atores - como comissões técnicas de clubes e seleção, jogadores, dirigentes, jornalistas e políticos. Dentre esses atores está Saldanha, elemento que com suas crônicas consegue acesso às massas e trabalha o imaginário futebolístico em defesa de um estilo de jogo que em sua opinião é o único que pode representar a subjetividade do brasileiro e fugir de um sistema mecanizado imposto por um discurso hierarquizante, que tem por objetivo retirar as escolhas do futebol do jogador e do povo. Essa apresentação e o pensamento de Saldanha não coadunam com a existência de um futebol-arte desprovido dos aspectos do futebol-força, mas pensam no primado jogador frente ao esquema tático.

ABSTRACT

The presentation will examine, from the sports chronicles of Joao Saldanha published periods close to the World Cup, as happens in the carioca journalist the relationship between football-art, type of representation on the practice game, and another representation, the brazilian national identity. The study, which has no conclusive character, perceive the issue of football-art inserted in national identity as a relationship that spans beyond the technique of play itself, the ideas and power relations, involving several actors - such as technical committees of selection and clubs, players, officials, journalists and politicians. Among these players is Saldanha, an element that can access with his chronicles of the masses and works the imaginary football in defense of a style of game in your opinion is the only one who can represent the subjectivity of the brazilian and escape a tax by a mechanized system hierarchical discourse, which aims to remove the football player's choices and the people. This presentation and the thought of Saldanha not consistent with the existence of a soccer-art devoid of the aspects of football strength, but thinks the rule against the tactical player.

RESUMEN

La presentación se examinarán, desde los deportes de las crónicas de los períodos de John Saldanha publicó cerca de la Copa del Mundo, como sucede en Carioca el periodista de la relación entre el fútbol-arte, el tipo de representación en el juego de práctica, y otra representación, la identidad nacional



brasileña. El estudio, que no tiene carácter conclusivo, perciben el tema del fútbol-arte inserta en la identidad nacional como una relación que se extiende más allá de la técnica de la obra en sí, el pensamiento y las relaciones de poder, que intervienen varios agentes - como los comités técnicos de selección y los clubes, jugadores, funcionarios, periodistas y políticos. Entre estos jugadores se Saldanha, un elemento que puede acceder con sus crónicas de las masas y las obras de fútbol imaginario, en defensa de un estilo de juego en su opinión es el único que puede representar la subjetividad de los brasileños y escapar de un impuesto por un sistema mecanizado discurso jerárquico, que tiene como objetivo eliminar las opciones del jugador de fútbol y el pueblo. Esta presentación y la idea de no compatible con la existencia de un partido de fútbol-arte desprovisto de los aspectos de la fuerza de fútbol Saldanha, pero piensa que la norma que prohíbe el jugador táctico.

O presente artigo busca fazer uma análise sobre como os conceitos de identidade nacional e futebol-arte vão relacionar-se na obra de João Saldanha¹, renomado jornalista e cronista. A sua vasta obra, publicada em periódicos norteará as fundamentações e reflexões do presente artigo. Para tal análise escolheu-se as crônicas publicadas nos períodos próximos e durante às Copas do Mundo de Futebol que o jornalista gaúcho presenciou, o que proporcionou a análise dos torneios entre 1962 e 1990.

Ao longo do trabalho foi utilizada uma diversidade de fontes que incluía a bibliografia sobre os temas da identidade nacional e o futebol – muitas vezes abordados separadamente, outras em conjunto – jornais e revistas da década de 1960 até 1990, material esse que constituía a fonte primária da pesquisa, pois neles estão contidos as crônicas esportivas de João Saldanha e, por fim, filmes e documentários que me propiciassem uma reflexão sobre o cotidiano futebolístico brasileiro e da cidade do Rio de Janeiro, local onde o autor pesquisado viveu durante muitas décadas, teve um forte laço afetivo e, para o senso comum, representou como poucos o ideal do cariquismo².

Saldanha teve durante a sua trajetória jornalística um ambiente diversificado de debate com outros cronistas (ANTUNES:2004) e com o público de um modo geral, fosse pelas cartas recebidas na redação ou nas conversas durante a cobertura de rádio nos estádios, principalmente os cariocas. Os biógrafos³ do jornalista afirmam que suas crônicas atingiam um vasto público, em quantidade e espectro, sendo que suas idéias proporcionavam discussão e reverberação sociais.

Assim, pensar a crônica esportiva; o futebol-arte e o futebol-força não apenas como disputas de modos de jogo, mas como concepções políticas e sociais, fazem sentido para pensarmos o projeto de Brasil que transparece nos textos do autor quando ele fala sobre o futebol. A malandragem; a identidade nacional e a diversidade de representações que são forjadas a partir delas, são conceitos que, indubitavelmente foram utilizados por João Saldanha para pensar o Brasil de seu tempo, dentro do campo de jogo e na sociedade.

¹ João Alves Jobim Saldanha, nasceu em 1917 em Alegrete, mas desempenhou sua carreira como jornalista esportivo de rádio, jornal e televisão na cidade do Rio de Janeiro entre 1959 e 1990, ano de sua morte. Durante sua carreira teve grande reconhecimento popular por suas crônicas e comentários que traziam a gíria e a oralidade das ruas para os meios de comunicação de massa, graças a esse grande status foi contratado para treinador da seleção brasileira em 1969.

² Cariquismo ou malandragem carioca argumentada enquanto conceito constitutivo do Brasil e do modo brasileiro de usar do futebol na reflexão de Gilberto Freyre no prefácio à primeira edição d'O negro no futebol brasileiro. (FREYRE (In.) RODRIGUES FILHO:2004 p.24)

³ Utilizei para este artigo duas biografias sobre João Saldanha. (MÁXIMO:2005) e (SIQUEIRA:2007)



Logo, pensar uma lógica de conformação nacional, em que diferentes grupos se ligam sob um Estado, caso do Brasil, foi uma das questões primordiais de reflexão. Para a questão da identidade nacional e outras identidades, utilizei-me do arcabouço teórico de Anderson (ANDERSON:2008) que vê os Estados nacionais como comunidades imaginadas em que determinados conceitos se tornam marcantes de uma personalidade coletivizada em detrimento de outros, questão que me intrigou ao longo de todo a minha pesquisa, afinal como uma identidade nacional brasileira conseguiu se enraizar de tal forma no imaginário local e do exterior, além de ser elemento de disputas no futebol do país?

A intelectualidade brasileira herdou de uma tradição ocidental secular a separação entre a natureza e a cultura, sem a devida reflexão dos malefícios dessa sectarização para pensar os fenômenos históricos, sociológicos e antropológicos (ELIAS:1998). Os motivos que Saldanha enumera para justificar o Brasil como maior celeiro de craques são tanto da ordem natural como parte da cultura brasileira:

“Quando afirmamos que possuímos o melhor material humano do mundo, não se trata de jacobinismo ou arrogância sem conteúdo. Possuímos o melhor material do mundo porque reunimos uma série de outras condições que outros países não possuem. A primeira delas, e mais importante, é que o futebol no Brasil é paixão popular. (...) A segunda condição que nos dá o primeiro lugar na qualidade do material humano é que, em nosso País, devido às condições geográficas, o futebol pode ser praticado todo o ano. O clima nos favorece e o atleta tem permanentemente um ‘aquecimento’ que o torna um homem de músculos flexíveis e ‘soltos’, capazes, portanto, de atender aos reflexos indispensáveis ao bom jogador. (...) Os países da Europa compensam, de certa maneira, suas desvantagens com um treinamento realmente digno do nome, com um material humano portador de melhor saúde hereditária e com uma aplicação estratégica e tática do jogo em nível mais elevado. (...) A terceira condição é que, sendo o futebol uma atividade eminentemente de jovens, o jogador brasileiro leva grande vantagem: o menino brasileiro entra na vida muito cedo. É, antes de tudo, um precoce. O nível de vida de nosso povo faz com que nossa garotada, com sua infância difícil, amadureça e pense como adulto. (...) Em quarto lugar, a etnologia e a etnografia nos ensinam que a formação do brasileiro, principalmente daquele de origem africana, reúne a condição mais exigente para o jogador de futebol.” (SALDANHA:2004 p160-2)

Alguns dos argumentos utilizados pelo autor podem parecer num primeiro momento uma ironização à condição nacional. Mas devemos nos apegar aos aspectos de natureza e a sapiência popular que o trecho alude. Desta forma, os elementos constitutivos do futebol nacional elencados por Saldanha são majoritariamente de natureza, sejam eles climáticos e geográficos, além do aspecto da raça. Enquanto o europeu constitui seu modo de jogar pela cultura do treinamento e pelo desenvolvimento de aspectos táticos e estratégicos elaborados.

Ao comparar os brasileiros com os europeus, Saldanha baseia sua análise no aprendizado precoce e fora do ambiente escolar que as crianças brasileiras desenvolvem seu senso de responsabilidade e seu manejo com as normas sociais, enquanto o fator ressaltado dos europeus é a saúde hereditário, fator proporcionado por anos de relações sociais estáveis e a presença do Estado.

Desta forma, a análise de Saldanha deixa entrever que aquelas características brasileiras que não são derivadas da natureza para uma destreza futebolística, derivam da falta de políticas e boas condições de vida para as classes populares. O jogar futebol no Brasil será o espaço de quem nada tem, somente o



próprio corpo, a precocidade e a sapiência conseguida nas ruas para fugir dos problemas, o que chamaremos daqui em diante por malandragem.

No entanto, o próprio Saldanha, acreditava que a malandragem não era uma prática única, mas que era constituída de um campo variado de possibilidades, que pendiam entre o fazer o bem a si próprio e o prejudicar o outro, ou seja, a malandragem permite agir com escrúpulos ou não.

Saldanha acreditava que “o brasileiro vive a golpe, o brasileiro vive se virando⁴” (SOARES:1994 p.33) numa relação em que se o indivíduo não buscar vantagens sobre os órgãos de poder ou sobre outras pessoas seria um agente sofredor dessa conduta.

Contudo, o se virar e o dar o golpe revelam que a malandragem, na concepção do jornalista carioca, pode ter uma representação dualista, algo como o mal do golpe e o bem do se virar dentro da malandragem.

Analisando o trecho citado, podemos pensar em duas diferentes categorias em que os atos de malandragem são enquadrados socialmente: o golpe e o se virar. O primeiro visto pejorativamente, afinal para cada golpe que o malandro exerce um outro alguém sairá prejudicado, expediente este também conhecido como pilantragem. O se virar por outro lado é a busca pela sobrevivência, pelo sucesso ou pelas benesses que a sociedade proporciona a partir de espaços não explorados, a partir das próprias particularidades do indivíduo, o saber descobrir as oportunidades. Ambas atitudes formativas da malandragem, na concepção de Saldanha são manifestações cotidianas na vida do brasileiro.

Contudo, creio não ser produtivo cair na armadilha da literatura, da música e do cinema e pensarmos num malandro ideal, indivíduo que concentre em si todas as características formuladas sobre o que é ser malandro. Mais relevante do que pensar o malandro enquanto indivíduo ou uma pessoa que domina o repertório completo da malandragem refletirei em que espaços a malandragem encontra campo para se manifestar e uma repercussão positiva. Assim, os indivíduos que chamaremos de malandros ao longo do relatório são indivíduos da sociedade brasileira que, mais do que viver fora da norma, sabem usá-la quando é necessária e driblá-la quando esta é um empecilho à satisfação de seus anseios.

Antônio Jorge Soares afirma que o dentro e o fora da norma funcionam de uma forma diferente para o jogador de futebol, algo que muitas vezes se aproxima de um jogo dentro da própria partida. O malandro, ou melhor, aquele que usa da malandragem no futebol, é um sujeito tido geralmente em alta conta entre torcedores, técnicos e outros jogadores, pois não prega a violência, nem o confronto, a sua grande qualidade é agir nas fronteiras e saber até onde sua atitude ferirá irremediavelmente a norma, assim esse jogador tido como malandro é conhecedor da elasticidade da norma ou da permissividade dos agentes de repressão, é detentor da malícia no linguajar futebolístico.

Porque esse indivíduo é louvado no futebol brasileiro? E o que diferencia uma malandragem bem sucedida de uma infração ou de uma postura de otário, neste caso o oposto do malandro?

Conforme Soares há nas interpretações que são feitas sobre a malandragem uma glamourização das classes populares da sociedade brasileira, principalmente ao identificar essa prática como o modo privilegiado e, às vezes o único, de resistência frente aos desmandos políticos e à atuação da burguesia. Mas como pensar a prática do futebol em si? Já que nela os desmandos políticos e a atuação da burguesia não têm papel fundamental?

⁴Este trecho faz parte de entrevista feita com João Saldanha por Antônio Jorge Soares como material de campo para o seu livro.



“A idéia popular é que ‘malandro’ constrói sua fama pela habilidade que possui em reverter as situações adversas; este talento é desenvolvido naturalmente, na improvisada vida da rua, da mesma forma que o ‘jogador malandro’ desenvolve suas habilidades para o futebol.” (SOARES:1994 p.47)

No entanto, Soares crê que a malandragem não seja apenas isso, baseando-se em entrevistas com jogadores, treinadores e jornalistas esportivos o autor identifica algumas características que são recorrentes na caracterização do jogador que sabe usar a malandragem: o equilíbrio psicológico; a arte/inteligência e a experiência.

Na minha concepção de malandragem, aquela aplicada nos campos guarda peculiaridades que não se aplicam na malandragem da vida cotidiana, apesar de terem proximidades por isso uma maior condescendência relativa à malandragem esportiva. Assim, para pensar a especificidade da malandragem do meio futebolístico creio que o conceito de autonomia relativa dos campos, desenvolvido por Bourdieu⁵ e largamente utilizado nas reflexões sobre o futebol seja uma saída deveras elucidativa.

A malandragem no jogo de futebol, mesmo que procure de determinadas maneiras lesar o adversário em busca da vitória, que cometa infrações e por fim tente enganar os árbitros, é vista como um jogo a mais dentro do jogo de futebol. A guerra psicológica, o jogo de nervos, a habilidade de manter a calma e de não ser pego em infração parece, de alguma forma, se tornar um atrativo a mais para jogadores e torcedores. Essas práticas malandras tão disseminadas não sofrem retaliações e a busca por culpados, pois suas ações são medidas pela eficácia⁶. “A ordem e a desordem se articulam solidamente⁷” o mundo hierarquizado é subvertido pela lábia e pela complacência. A ordem dificilmente imposta e mantida é cercada pela vivaz desordem, para cada expediente da lei diversos costumes consagrados pela cotidiano e pelas exceções se fazem presentes.

“É interessante a qualificação de ‘malandros no bom sentido’, que indica, mais uma vez, a tendência de proteger a malandragem associada ao futebol, como uma instância que deve ser salvaguardada do juízo moral. Se o futebol tem ‘malandros no bom sentido’, resta à sociedade possuir os malandros que são moralmente reprováveis – ‘malandros no mau sentido’.” (SOARES:1994 p.77)

Outro aspecto que se torna relevante ao pensarmos a malandragem e que é referenciado na fala dos entrevistados de Soares é a questão estética que a malandragem proporciona.

“A imaginação possui um papel fundamental no processo de criação, este processo é o de explorar e experimentar possibilidades pelo indivíduo. Assim, o jogador que age com malandragem pensa divergentemente, possui uma orientação de conduta autônoma, aproximando-se daquilo que se chama ‘futebol-arte’.” (SOARES:1994 p.63-4)

Logo, a questão que fica a partir do excerto é: Só existe o futebol-arte dentro da lógica da malandragem?

⁵ BOURDIEU, PIERRE. Deporte y clase social. (In.) BARBERO, Jose Ignacio.(org.) Materiales de sociologia del deporte. Madrid. Las ediciones de La Piqueta

⁶ A dialética da malandragem. (In.) CÂNDIDO, Antônio. O discurso e a cidade. Editora Duas Cidades. São Paulo. 2004.

⁷ Op. cit.



Para Saldanha sim, só é possível o futebol-arte quando se flexibiliza a norma, quando os meneios do corpo sobrepujam o pragmatismo das formações táticas, quando o jogo encontra a divergência. Assim, um jogo que expressa o brasileiro e sua capacidade, muitas vezes tida como ontológica por Saldanha, de sair das adversidades, deixa muitas vezes de lado a norma quando o objetivo é a beleza da jogada e a vitória.

A dimensão estética, a liberdade e o auto-conhecimento são valores fundamentais para conceituação de Saldanha tanto para o futebol-arte como para a malandragem, desta forma a malandragem surge como um modo de preservação do indivíduo, como meio de expressão da sua subjetividade e de superar as vicissitudes do futebol. Na visão de Saldanha, por diversos momentos, a liberdade que o craque, aí provido dos saberes da malandragem, deve ter é similar a do artista, um artista que tem no corpo e na bola seu instrumento e que o ensaio e a prática são indissociáveis durante a partida, o futebol ao contrário das outras artes enfrenta suas contradições durante sua apresentação.

Contudo, o que parece controverso no pensamento de Saldanha e também será abordado de forma crítica por Soares é a afirmação de que os brasileiros são os únicos detentores do futebol-arte e dessa malandragem caracterizada pelo equilíbrio psicológico; a arte/inteligência e a experiência. O futebol-arte, para João Saldanha, era uma particularidade brasileira, mas para além disso, era o único modo possível de se praticar o futebol respeitando as tradições e os anseios populares. Assim, o representante máximo do futebol brasileira, a seleção do país deveria ser o bastião dessa forma de jogar, privilegiando os craques nas convocações, implementando um esquema de jogo que proporcionasse o aproveitamento dos melhores jogadores num sistema em que a liberdade criativa fosse preservada acima de todas as coisas.

Saldanha tinha a convicção de que qualquer nação poderia gestar grandes jogadores, tanto que durante as Copas em que escreve suas crônicas esportivas não deixa de prestar homenagens a jogadores como Maradona, Beckenbauer, Cruyff, Platini dentre outros, aos quais chama por ‘cobrões’. Contudo, resiste a identificar o futebol-arte fora do Brasil, reconhece limitações que distingue as outras escolas nacionais do modo de jogar brasileiro.

“Não sei se Menotti contará também em seu time com gente deste quilate embora Passarella seja sem dúvida alguma um nome à altura daqueles [grandes jogadores brasileiros de 1962] craques. O capitão argentino é um dos melhores jogadores do mundo. Fillol também entra nesta turma e Bertoni, sem ser Garrincha, também é muito bom.” (SALDANHA:2002 p.85)

Ao se falar do jogador brasileiro recorre-se a uma versão romantizada do praticante do futebol-arte, provido de habilidade por natureza. Enquanto o europeu é aquele que consegue se equiparar ao brasileiro pelos treinamentos e pelo porte físico. Assim, nem as mudanças históricas, como as diferenças na preparação física entre as Copas de 1950 e 1970, e da Copa de 1970 em diante, quando as modificações passam a ser cada vez mais radicais, são levadas em conta, nem a diversidade de estilos dos brasileiros e europeus é pensado de forma aprofundada. As generalizações, meio definidor das escolas nacionais e outras características imputadas aos coletivos nacionais, servem à reafirmação de uma oposição irreconciliável entre os modos brasileiro e europeu, em que a existência de um futebol-arte não comporta a força e vice-versa.

Logo, uma caracterização que é relevante para a análise é pensar o jogador inteligente, também conhecido como o craque e artista, e o voluntarioso, esforçado ou operário. Modelos que dividem o



campo de jogo e que serão paradigmáticos no debate entre a arte e a força; do poder de decisão do jogador ou do técnico.

Contudo, o futebol-arte enquanto escola hegemônica brasileira não permanece ilibada ao longo do tempo, a partir de 1966 começa a sofrer embates sobre a sua legitimidade. Após as vitórias de 1958 e 1962 em que o futebol-arte é alçado a categoria de representação máxima do futebol brasileiro, interna e externamente, sucede-se a acachapante derrota de 1966, em que a seleção brasileira, conforme a crônica esportiva do período é superada pelo preparo físico e o jogo viril dos europeus. Esse jogo europeizado, que implica uma maior preparação física passa a ser chamado de futebol-força e é posto numa clara oposição de valores ao futebol-arte, que é visto no senso comum esportivo como algo do passado. Assim adentramos numa disputa de múltiplas facetas: força em oposição à arte, o velho no embate contra o novo, o nacional contra o externo e, por fim os saberes corporais dos jogadores e o saber-poder de uma nova tecnocracia das comissões técnicas do futebol.

“A ‘arte’ e a ‘força’ representam duas concepções de jogo. Uma acredita que o time é formado através da somatória de talentos individuais que possuem a capacidade de realizar ajustes práticos para a obtenção de um desempenho satisfatório. A outra acredita que o desempenho satisfatório de uma equipe deve-se à capacidade do técnico de ser um bom estrategista, pois o jogador deve se adaptar ao sistema calculado: o sucesso possui uma relação com a capacidade de determinação e treino do conjunto, em função da metodização planejada. Aqui, temos a idéia da Inteligência divergente dos jogadores, vinculada ao ‘futebol arte’ e da inteligência convergente, vinculada ao ‘futebol força’... No futebol força, a ‘divergência’ torna-se propriedade ou possibilidade apenas do técnico.” (SOARES:1994 p.105)

João Saldanha acreditava que o futebol-arte e o futebol-força não representavam necessariamente uma oposição entre si. O futebol-força apresentava inovações que possibilitariam, na concepção do jornalista carioca, uma potencialização do futebol-arte, o melhor preparo físico não excluiria a arte, mas a faria superar o jogo violento e a truculência adversária.

O progresso da preparação física (FLORENZANO: 2009) não pode ser visto aprioristicamente como um empecilho ao futebol-arte, ou como uma superação no processo histórico que venha decretar o fim ou a marginalização dessa prática. Mas, nos depoimentos encontrados na imprensa da década de 1960 e 1970 – no qual a visão de Saldanha é uma exceção – a arte no futebol aparece superada por uma nova modalidade de futebol em que a agência do jogador era um fator que gradualmente foi esvaziado de importância frente aos novos saberes técnicos e científicos que determinariam a conduta vitoriosa da equipe.

A disputa entre a defesa do futebol-arte ou do futebol-força se acirra e traz em seu bojo uma polêmica entre o saudosismo/conservadorismo e o fetiche pelo novo, num projeto que busca alinhar o Brasil a um novo modelo mundializado de prática. Assim, enquanto para alguns o Brasil estava pondo a perder a particularidade que torna-o próprio e, por isso vitorioso, para outros a busca que se inicia em 1966 e se radicaliza após 1970, era por se equiparar ao novo modelo de excelência futebolística, o desenvolvido na Europa.

A favor da manutenção de um estilo de jogo marcadamente artístico existe um modo de se contar a história do futebol brasileiro que privilegia o craque, as atuações espetaculares. Apesar de ser perceptível que o futebol-arte não é uma ocorrência do cotidiano, mesmo no esporte profissional de alto rendimento, a reivindicação para que ele aconteça é recorrente. Não se espera que o futebol-arte aconteça



numa partida entre times de menor projeção nos campeonatos estaduais, mas essa vontade que é gestada por longos períodos encontra seu ápice, sua maior cobrança, durante as Copas do Mundo. Como evento máximo do futebol mundial, a Copa do Mundo é onde se espera o máximo que os jogadores e estilos nacionais podem proporcionar. No caso do Brasil que sustenta o discurso de pátria do futebol-arte, espera-se o ápice do rendimento dentro dessa perspectiva de jogo. A vitória só terá o valor máximo e pleno reconhecimento quando vem atrelada à beleza.

O craque e os desempenhos históricos funcionam como espectros de ar professoral para as novas gerações, exercendo pressão normativa de como se joga o verdadeiro futebol brasileiro. Da mesma forma que o grande jogador reafirma e forja novas peculiaridades a esse discurso ele é forjado por essa normatividade. Assim funcionando como uma preservação da história que se faz no presente. Penso que a antologia de grandes jogadores brasileiros do passado e do presente fazem eco a um modo específico de se jogar futebol, pregam valores sobre o que é o verdadeiro futebol brasileiro a partir da sua prática, ou seja, o exemplo desses indivíduos age como se fosse uma consciência de que o estilo nacional, aquilo que nos torna peculiares é uma obrigação e uma necessidade. Nesta situação percebe-se a preocupação com uma imortalidade das instituições nacional e a manutenção dos símbolos que o tornam particular, neste sentido, a manutenção de determinadas tradições, que geralmente são tidas como ontológicas e particulares a grupos específicos, neste caso elencará as classes populares e a massa de jogadores dela saída como seus defensores. A presença coercitiva desses grandes jogadores da história do futebol brasileiro como ar professoral do que seja o verdadeiro modo brasileiro de se jogar, uma coerção velada e um exemplo ao qual grande parte do povo/profissionais se remetem ao pensar o ideal. O que se percebe é uma batalha cotidiana entre as limitações do real e o apelo do ideal na mente de torcedores, jornalistas e na função de técnicos e jogadores.

Mais importante que uma revisão sobre a veracidade ou não dos discursos, se as representações que são feitas sobre o futebol brasileiro são ou se tornarão realidade é percebermos as tentativas que são feitas para se instituir um discurso hegemônico com caráter de verdade (FOUCAULT : 2004). Conforme Foucault, este discurso de verdade, que exclui seus críticos e outras teorias se harmoniza socialmente e dita a apreciação que as pessoas fazem da realidade.

Deste modo, creio, a partir das análises feitas que uma pretensa invenção do futebol-arte pelo brasileiro tenha suas matrizes na crônica esportiva. O atleta ou equipe durante o próprio ato de desempenhar seu jogo não busca caracterizá-lo numa relação entre arte e força, penso que para esses atores as dicotomias existentes sejam a eficiência ou não do modo de jogar e o deleite ou desprazer que a prática proporciona. Assim, formular o jogo enquanto arte e torná-lo uma peculiaridade e obrigação dos times brasileiros é um discurso que primeiramente é forjado externamente ao campo e, com o passar do tempo é internalizado na conduta de atletas e técnicos, para aí atingir o clamor popular⁸.

Assim, o jogo que pensamos como elaboração exclusiva dos participantes ativos da prática do futebol - jogadores, treinadores e comissão técnica – é uma formação de caráter mais amplo. O discurso e as pressões que esse discurso desencadeia – algo próximo à formação de torcedores/sensores de uma conduta futebolística – passam a ser caracterizadores dos estilos nacionais, aí incluso o brasileiro.

No entanto, o discurso de um futebol-arte brasileiro é aceito de forma tão rápida e espontânea pelos envolvidos, afinal é um discurso bastante elogioso, que torna a todos reféns de determinadas

⁸ No entanto, creio ser temerária a identificação desse clamor ou vontade popular que é observada nas crônicas, pois até que ponto esse clamor nada mais é que a vontade do cronista, mascarada de vontade coletiva?



características de jogo que se fundem à nação e a significados anteriores do que é ser brasileiro. E a partir do futebol-arte, só é realmente brasileiro o selecionado que jogue desta forma.

Lilia Moritz Schwarcz ao comentar a obra de Benedict Anderson traz uma importante colaboração ao pensarmos o conceito de verdade na formação de uma nação e das suas características tidas como coletivas:

“Mais que inventadas, nações são ‘imaginadas’, no sentido que fazem sentido para a ‘alma’ e constituem objetos de desejos e projeções. (...) Não há, portanto, comunidades ‘verdadeiras’, pois qualquer uma é sempre imaginada e não se legitima pela oposição falsidade/autenticidade. Na verdade, o que as distingue é o ‘estilo’ como são imaginadas e os recursos de que lança mão.” (SCHWARCZ (In.) ANDERSON:2008 p.10-12)

Essa comunidade imaginada, afinal não existe elemento da cultura que não seja invenção, busca irmanar sob a mesma pátria um “nós” que em todo o espectro restante de relações é distinto, por isso a necessidade de se elencar características que tenham aceitação perante um grande número de elementos desse grupo. Uma das chaves explicativas para uma existência da nacionalidade entre os grupos é a legitimidade emocional profunda que o fenômeno carrega.

“Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. Era a essa imagem que Renan se referia quando escreveu, com seu jeito levemente irônico: ‘Ora, a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas.’ (ANDERSON:2008 p.32)

Na concepção de Anderson (2008), entre memória e esquecimento e o forjar de características coletivas se forma uma identidade nacional que, mesmo que imaginada, tem aceitação e envolvimento emocional proporcionado pela irmanação dos indivíduos:

“...ela é imaginada como uma comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal.” (op. cit. p.34)

E para que essa camaradagem horizontal seja um projeto vencedor, não rompido por lutas entre classes ou etnias, há que existir identificações gerais, e creio que a malandragem seja uma delas. Em relação ao futebol-arte, durante o período pesquisado nas crônicas esportivas de João Saldanha, entre 1962 e 1990, creio que a escassez de títulos em Copas do Mundo a partir de 1970 tenha desacreditado esse futebol-arte instituição nacional e dado espaço a modelos divergentes, quebrando essa identificação, pensada como ontológica, de fundo emocional entre o brasileiro e seu pretense estilo próprio.

Desta forma, o projeto de Brasil e de futebol brasileiro de João Saldanha, mais que fazer parte de um rol de possibilidades de se pensar o jogo mais tradicional do Brasil, busca atribuir o caráter de arte à prática esportiva, reconhecendo o papel central que as classes populares, mesmo que alijadas de diversos direitos e possibilidades, ocupam neste reconhecido espaço de pertencimento nacional.



BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. Companhia das Letras. São Paulo. 2008.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa!” – Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo. Editora da Unesp. 2004.
- BOURDIEU, PIERRE. Deporte y clase social. (In.) BARBERO, Jose Ignacio.(org.) Materiales de sociologia del deporte. Madrid. Las ediciones de La Piqueta
- CÂNDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. São Paulo. 2004.
- ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Jorge Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1998
- FLORENZANO, José Paulo. A democracia corinthiana – práticas de liberdade no futebol brasileiro.
- FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro. Mauad. 2003.
- GASTALDO, Édison & GUEDES, Simoni Lahud (org.). Nações em campo – Copa do mundo e identidade nacional. Niterói. Intertexto editora. 2006.
- KFOURI, Juca. Meninos eu vi... São Paulo. Lance Editorial. 2003.
- MANHÃES, Eduardo. João Sem Medo – Futebol-arte e Identidade. Campinas. Editora Pontes. 2004.
- MARQUES, José Carlos. O futebol em Nelson Rodrigues. São Paulo. Editora Educ. 2004.
- MÁXIMO, João. João Saldanha – Sobre nuvens de fantasia. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2005.
- MILLIET FILHO, Raul (org.). Vida que segue – João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970. São Paulo. Editora Nova Fronteira.
- ORTIZ, Renato. Cultura brasileira & identidade nacional. São Paulo. Editora brasiliense. 1994.
- SALDANHA, João. Futebol & outras histórias. Rio de Janeiro. Editora Record. 1988.
- SALDANHA, João. Histórias do futebol. Rio de Janeiro. Editora Revan. 2004.
- SALDANHA, João. O futebol. Rio de Janeiro. Bloch Editores. 1971.
- SALDANHA, João. O trauma da bola. São Paulo. Cosac & Naify. 2002.
- SIQUEIRA, André Iki. João Saldanha – Uma vida em jogo. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 2007.
- SOARES, Antônio Jorge G. Futebol, malandragem e identidade. Editora da UFES. Vitória. 1994.

Endereço: Rua Santo Tordin, 175, Jardim dos Manacás, Valinhos-SP. Cep 13273-091

E-mail: lalocanale@yahoo.com.br

Recurso necessário à apresentação: Projetor e computador com Power Point